

## NALU FARIA E A ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES NA CUT

Esta é uma homenagem a Nalu Faria por seu papel na organização das mulheres na Central Única dos Trabalhadores (CUT) do Brasil, prestada por um grupo de companheiras por meio do relato de nossas experiências e vivências compartilhadas com Nalu.

É uma iniciativa espontânea, não institucional, motivada por um chamado da Sempreviva Organização Feminista (SOF) para resgatar a memória de Nalu Faria nos múltiplos espaços onde ela deixou sua marca militante e feminista.

Nalu foi assessora, colaboradora, aliada, parceira, companheira, amiga das sindicalistas, das cutistas. Nossos relatos contêm história, lutas, experiências coletivas, vivências individuais, carinho e emoção. E agradecimento.

**NALU, PRESENTE!**

ANA MARIA  
KRIGNER

A contribuição de Nalu ao Programa sobre as Relações Sociais entre Homens e Mulheres, da Secretaria Nacional de Formação da CUT, foi muito importante, especialmente como palestrante nas atividades de formação, abordando a condição das mulheres no mercado de trabalho e as relações de gênero. Esses conteúdos ajudaram muito as mulheres a se verem e se perceberem no mundo do trabalho e no sindicato.

Desde o momento da inserção da pauta "mulheres" na Formação da CUT, iniciamos também esta discussão em outros programas da Secretaria Nacional de Formação, na época, mais tarde chamados Núcleos Temáticos.

As reflexões e debates decorrentes das exposições de Nalu contribuíram com a expansão de questões sobre a organização das mulheres no local de trabalho e no movimento sindical, a inclusão e o aprimoramento de pautas de reivindicações específicas das trabalhadoras nas negociações coletivas e a formação de formadores e formadoras do movimento sindical cutista. Portanto, Nalu era uma colaboradora de referência para nós e um valoroso e intenso canal de comunicação.

ANA MARIA KRIGNER foi analista de formação da Secretaria Nacional de Formação da CUT (1993 a 2000).



## DENISE MOTTA DAU

Estávamos no mês de junho de 1993 e éramos jovens.

Acontecia a Plenária Estadual da CUT de São Paulo e em pauta para apreciação e deliberação estava a implementação das cotas de no mínimo 30% de participação de um sexo e no máximo 70% de outro nas instâncias de direção da CUT. Na prática isso significava elevar a participação das mulheres na direção de 2% para no mínimo 30%. O debate fervia.

A Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT, da qual eu participava, realizava naquele período uma campanha pela aprovação das cotas, e nesse contexto duas queridas lideranças políticas feministas com as quais eu convivia e aprendia muito eram a assistente social Maria Berenice Godinho Delgado, a Didice, dirigente sindical que me levou para o movimento de mulheres, e a psicóloga Nalu Faria, que atuava no Partido dos Trabalhadores (PT), onde recentemente havia sido aprovada a proposta de cotas.

Elas me impressionavam: a Nalu havia tido a Júlia, sua segunda filha, e a Didice havia tido seu filho Theo, no ano anterior, ou seja, recentemente. Eu tinha uma interrogação na cabeça: como ambas, tão articuladas e ocupadas com as lutas democráticas, ainda conseguiam ser mães e conciliar casamento, filhos, trabalho, militância, formulação de teses e pesquisas etc. e tal? A famosa e fatídica dupla ou tripla jornada de trabalho que debatíamos em nossos fóruns das sindicalistas estava personalizada ali.

Enfim, lá fui eu, entrei apressada na quadra do Sindicato dos Bancários, no centro da cidade de São Paulo, e vi que o espaço já estava lotado e barulhento.

Procuo ansiosamente por Nalu e Didice e logo as encontro. Elas estão sentadas em duas cadeiras na lateral da quadra no último degrau da arquibancada, sorriem aliviadas quando me veem, em breve eu entenderia o porquê...

E Nalu imediatamente diz:

- Vai entrar já, já em pauta para votação em plenário a proposta das cotas.

Eu - Que bom, assim ao menos vamos superando as etapas até o CONCURTO.

Didice - E você vai fazer a defesa.



## DENISE MOTTA DAU

Eu - Oi? Como assim?

Nalu - A companheira que iria fazer teve um problema e não virá.

Eu - Não vai dar! Não tenho experiência como ela. Por que uma de vocês não faz?

Nalu - Porque não somos delegadas da plenária e sim convidadas e porque está mais do que na hora de mais gente nova assumir essa posição. Você participou de debates e oficinas sobre as cotas, é delegada eleita para a plenária, tem que ser você, Denise. Você vai ter que encarar, acho que você está preparada.

Didice reforça o argumento de que eu tenho que encarar a tarefa.

Ansiedade a mil, coração disparado. Elas repetem os argumentos junto comigo, me preparam ali mesmo na quadra, como se fosse um ensaio da defesa.

O debate começa, é somente uma defesa para cada posição. Um sindicalista conhecido e experiente defende contra a cota, na linha de que a igualdade teria que vir naturalmente e sem falsos artifícios e que a aprovação das cotas nos dividiria e tiraria o foco da luta classista. Eu, obviamente com o coração na boca, vou, faço a defesa contundente, primeiro explicando a importância das políticas afirmativas para acelerar a igualdade de gênero, dando alguns exemplos, e depois argumentando que as mulheres estão cada vez mais no mundo do trabalho, estão filiadas aos sindicatos e à frente das mobilizações e campanhas salariais, mas pouco representadas nas direções.

Vai para a votação e perdemos. Quando acaba a apuração, retorno para perto delas com aquela cara de tacho. Didice me dá um abraço, ambas me consolam e então Nalu segura em minhas mãos e diz: "Você foi bem. E essa votação perdemos por pouco, acumulamos positivamente. Minha avaliação é a seguinte: São Paulo será a maior bancada na Plenária Nacional da CUT, tem peso grande e votará dividida, pois muita gente aqui votou pelas cotas. Somado aos demais estados, vamos ganhar e as cotas serão aprovadas!"

Essa frase dela, além de gerar um grande alívio momentâneo, me acompanhou por toda vida e até hoje; em momentos onde a barra pesa, lembro dela, fazendo o que atualmente chamamos de "pegar visão" para os acúmulos positivos obtidos, mesmo que o objetivo final não tenha sido alcançado, ainda.



## DENISE MOTTA DAU

Ademais, em momentos em que me senti isolada devido à falta de compreensão das pautas das mulheres trabalhadoras em determinados espaços sindicais e querendo desistir do movimento, Nalu sempre foi, independentemente de sermos de forças políticas diferentes, solidária e incentivadora, me estimulou para que eu não desistisse.

Ao longo de nossas jornadas e vivências, Nalu e eu seguimos nos encontrando em vários outros momentos - de alegria, de doença, de perdas de pessoas queridas, de militância, de conquistas, de derrotas, de negociações na gestão pública e também no partido: nosso vínculo jamais esfriou, pelo contrário, o carinho e o respeito mútuo se mantiveram. E eu a olhava, grata, lembrava sempre daquele “empurrão” que ela me deu em 1993 e em outros momentos e conversas.

Nalu, em sua trajetória, tornou-se grande quadro político nacional e internacional, era respeitadíssima. Ela protagonizou nossa voz coletiva e feminista e as lutas democráticas contemporâneas, tais como justiça climática para o outro lado do Atlântico, em espaços e conferências, representando a Marcha Mundial das Mulheres e o PT.

Porém, a minha lembrança particular é a da moça de olhos atentos e brilhantes na plenária da CUT de São Paulo orientando a nossa fala e depois dizendo: “foi bom, acumulamos”! E essa imagem sempre me acompanhará.

\*Em tempo: ela tinha razão na avaliação política. Na 6ª Plenária Nacional da CUT, em agosto de 1993, as cotas de gênero foram aprovadas e depois implantadas pela primeira vez no 5º CONCUT, em maio de 1994.

Nalu Faria, seu legado de formação política e feminista para centenas de mulheres, e homens, não se apagará jamais!

DENISE MOTTA DAU foi uma das fundadoras do Sindsaúde-SP/Sindicato dos Trabalhadores Públicos da Saúde no Estado de São Paulo (1988) e integrou sua diretoria até 2010. Integrou a Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT (1991-2003) e, com a criação da Secretaria Nacional da Mulher Trabalhadora (2003), passou a integrar o seu Coletivo de Mulheres. Foi presidenta da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Seguridade Social da CUT (2001-2004). Integrou a direção nacional da CUT (2003-2010), onde foi secretária nacional de Relações de Trabalho (2009-2010). Foi secretária sub-regional da Internacional de Serviços Públicos (ISP) no Brasil (2017-2022).

Foi secretária municipal de Políticas para as Mulheres da Prefeitura de São Paulo (2013-2016) e é secretária nacional de Enfrentamento à Violência contra Mulheres, no Ministério das Mulheres, desde janeiro de 2023.

É graduada em Serviço Social e mestra em Saúde Pública.



## DIDICE GODINHO DELGADO

Nalu Faria esteve ligada à organização das mulheres na CUT desde o começo. A iniciativa de levar uma proposta ao 2º CONCUT, em agosto de 1986, nasceu, simbolicamente, no dia 8 de Março daquele ano, em um encontro onde ela estava presente, como me contou em 1995, em entrevista para minha dissertação de mestrado:

*"Nesse 8 de Março, como já era tradição aqui em São Paulo, dividiram-se quatro temas de discussão: saúde, creche, educação e trabalho. Eu fiquei no grupo que discutiu trabalho, onde havia algumas pessoas próximas do trabalho sindical, e lá se tirou uma idéia de dar continuidade a essa discussão de mulher e trabalho e de fazer uma discussão em relação ao congresso da CUT daquele ano, porque as pessoas que estavam nos sindicatos já tinham esse desejo de que a CUT tivesse uma discussão mais organizada sobre a questão das mulheres".*

Ela participou de todo o processo que se desencadeou a partir daí e resultou na aprovação, naquele congresso, da Comissão Nacional sobre a Questão da Mulher Trabalhadora e as respectivas comissões estaduais, e da campanha "Creche para Todos". Esta proposta foi construída coletivamente por sindicalistas de vários estados, com o imprescindível apoio de várias feministas, entre elas Nalu. Eu era, naquele momento, presidenta do Sindicato de Assistentes Sociais do Estado de São Paulo.

Como parte da nossa estratégia rumo ao congresso, solicitamos uma reunião com a Executiva Nacional da CUT para pedir seu apoio à proposta. Nalu e eu participamos. Vivíamos um momento histórico de visibilidade do movimento de mulheres e do feminismo e a CUT se apresentava como progressista e aberta. Porém, sabíamos que o sindicalismo como tal era resistente ao protagonismo das mulheres (um dirigente, na reunião, expressou preocupação com o risco de divisão da classe trabalhadora). Conseguimos o apoio da Executiva!

O 2º CONCUT foi um marco fundador da política cutista de defesa dos interesses das trabalhadoras. Ao mesmo tempo, inaugurou uma nova etapa, que era o desafio de transformar aquela resolução de congresso em realidade: não tínhamos a intenção de deixá-la no papel, mas tínhamos consciência das dificuldades e obstáculos para implementá-la, ainda mais com alcance nacional. Nalu colaborou no debate das estratégias de organização das mulheres e na definição da agenda de lutas e prioridades da Comissão Nacional.



**DIDICE GODINHO  
DELGADO**

Ela foi indispensável na construção da nossa reivindicação de que a CUT se posicionasse favorável à descriminalização e legalização do aborto, conquista que obtivemos no 4º CONCUT, em 1991.

Coordenadora da SOF, que se consolidou como rica produtora do pensamento feminista, Nalu foi uma das aliadas com que contamos nos cursos e seminários de formação promovidos pela Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora. Desde o início da atuação da Comissão, entendemos a formação como estratégica para nos fortalecer como trabalhadoras e sindicalistas e para ampliar, na CUT, a compreensão das relações de gênero e as intersecções entre a exploração do trabalho (pago e não pago) das mulheres e as desigualdades de classe. Ao mesmo tempo, por contar com o apoio de companheiras valiosas como Nalu, pudemos fazer e receber formação sindical com perspectiva feminista. Várias de nós, sindicalistas da época, nos tornamos feministas militando no movimento sindical.

Nalu colaborou também com o Programa de Formação sobre Relações entre Homens e Mulheres da Secretaria Nacional de Formação da CUT, criado em 1991, e representou a SOF no Coletivo de Gênero do Instituto Cajamar - no qual a Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT também participava -, criado em 1990 e dirigido a sindicalistas e militantes de movimentos sociais.

A campanha pela conquista da cota mínima de 30% de mulheres na direção da CUT, que começou em 1991 e culminou com sua aprovação em 1993, na 6ª. Plenária Nacional, foi outra experiência marcante que contou com a parceria da Nalu. Quem viveu aquela luta jamais se esquecerá do calor das discussões, da qualidade da campanha nacional que realizamos durante dois anos, do empenho que pusemos no debate das relações de poder desiguais, da defesa que fizemos do nosso direito de sermos no mínimo um terço de integrantes da direção. A frustração que tivemos ao retirarmos a proposta na 5ª. Plenária, em 1992, nos impulsionou a reforçar a campanha até à plenária do ano seguinte.

Quando ocorreu a 6ª. Plenária, em agosto de 1993, eu não estava mais na coordenação da Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora (havia saído em março daquele ano e fui substituída pela querida Sandra Cabral, mas participei ativamente da campanha até o final). Assisti às eloquentes falas a favor e contra sentada junto à Nalu, na plateia, aguardando ansiosas a votação, que finalmente veio a nosso favor.



## DIDICE GODINHO DELGADO

Nalu e eu fomos de correntes político-sindicais diferentes entre aquelas que atuavam na CUT: ela era referência da CUT Pela Base e eu integrava a Articulação. No entanto, o eixo comum da luta das mulheres, da luta feminista, nos uniu em busca do mesmo objetivo, que era construir e consolidar o lugar das trabalhadoras no sindicalismo cutista. Mais tarde, nunca deixamos de nos encontrar e compartilhar as alegrias e angústias dessa busca.

Rememoro aqui a contribuição de Nalu à organização das mulheres na CUT nos anos em que fui sindicalista, antes e durante o período em que coordenei a Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora. Mas ela foi aliada das cutistas até o fim de sua vida, uma parceira imprescindível e querida!

DIDICE GODINHO DELGADO foi a primeira coordenadora da Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT (1997-1993). Foi presidenta do Sindicato de Assistentes Sociais do Estado de São Paulo. Sua vida profissional se desenvolve na área de sindicalismo e relações de gênero.



## IVETE GARCIA

Nalu marca minha trajetória política desde a juventude. Sua presença foi muito importante para a minha formação e para as descobertas que fui fazendo como mulher e feminista nos espaços onde atuei. Era admiradora da segurança e desenvoltura com que passava seu conhecimento. Aprendi demais com ela.

Eu a conheci ainda operária, dando meus primeiros passos como dirigente sindical.

Estivemos juntas desde a criação, em 1986, na CUT, da Comissão Nacional sobre a Questão da Mulher Trabalhadora e seguimos por longos anos partilhando ideias, propostas, sentimentos e formulações sobre a política partidária, as mulheres e o feminismo. Sua linda história na SOF permitiu que nossos caminhos se cruzassem ainda por inúmeras vezes durante a minha trajetória política e profissional.

Jamais me esquecerei da sua valiosa contribuição no processo de construção da Assessoria dos Direitos da Mulher, na primeira gestão do Partido dos Trabalhadores (PT) em Santo André, que garantiu a concepção e implantação de políticas, serviços e organização das mulheres na cidade. Foram inúmeras conversas e reflexões que me fortaleceram para seguir no grande desafio de representar as mulheres no espaço legislativo e executivo em Santo André.

Tampouco me esquecerei da nossa parceria no Instituto Cajamar, que recebia mulheres e homens de todo o Brasil. Quando assumi a coordenação do Projeto “Relações Sociais de Gênero”, do Instituto, Nalu já estava lá e integrava o Coletivo de Gênero, que foi fundamental para que esse tema fosse incorporado à grade de cursos de formação.

Não foram poucos os debates calorosos e as divergências de ideias que permearam nossa convivência, mas lidamos com tudo isso sem diminuir nosso afeto, amizade e solidariedade. A cumplicidade fez parte do nosso aprendizado.

Também compartilhamos momentos descontraídos e alegres em festas, oficinas, encontros e manifestações, onde comemoramos muitas das nossas conquistas, fruto do suor do nosso trabalho e nossa militância.



**IVETE GARCIA**

Trago no meu coração muitas recordações gostosas de Nalu.

Sua partida, tão cedo, deixou uma lacuna, mas toda a sua contribuição é um legado que continuará vivo dentro de todas nós.

IVETE GARCIA foi diretora do Sindicato dos Químicos do ABC, integrou a Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT e a direção da CUT Regional ABC. Foi coordenadora do Projeto "Relações Sociais de Gênero" do Instituto Cajamar.

Foi coordenadora da Assessoria dos Direitos da Mulher da Prefeitura de Santo André (1989-1992), vice-prefeita e secretária de Orçamento e Planejamento Participativo da mesma Prefeitura (2005-2008). Foi vereadora por dois mandatos (1997-2000 e 2001-2004) e a primeira mulher presidenta da Câmara Municipal de Santo André (2003-2004).

É socióloga e mestra em Administração.



## MARIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

A luta das mulheres por direitos vem de longe e foi construída com a participação de muitas mulheres - brancas, negras, do campo, da cidade, de profissões diversas, de diferentes orientações sexuais -, uma luta construída por mulheres inteligentes, fortes, valorosas, corajosas e destemidas como Nalu Faria.

Foi uma alegria tê-la encontrado em meu caminho no decorrer da minha militância política e sindical. Ela contribuiu muito para a construção da minha história no movimento feminista, visto que sou oriunda da Igreja Católica, onde iniciei minha participação nos movimentos populares e sindical, a partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Eu fazia parte da Pastoral Operária da Diocese de Barra do Piraí-Volta Redonda, lugar que me inspirou, a partir da realidade vivida pelo povo de Volta Redonda com a crise econômica e o aumento do custo de vida, a organizarmos o Movimento Contra a Carestia, que foi um movimento forte, organizado em pleno período da ditadura civil-militar, composto por mulheres, na sua maioria.

As mulheres que participavam da Pastoral Operária e do Movimento Contra a Carestia de Volta Redonda apresentavam em suas reuniões também outras demandas, como dificuldades no acesso à saúde, falta de creche para os filhos e filhas, violência contra as mulheres, entre outras, e por essa razão decidimos criar um movimento específico de mulheres para tratar dessas questões. Assim, em fevereiro de 1980, criamos a Organização Popular de Mulheres de Volta Redonda (OPM), um movimento autônomo de mulheres.

Quando ingressei na Oposição Sindical Metalúrgica de Volta Redonda, no final da década de 1970, e com a criação da CUT, comecei a participar na Comissão Nacional da Questão sobre a Mulher Trabalhadora, aprovada na CUT em 1986 e implantada em 1987, passando a denominar-se posteriormente Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora. Foi um lugar onde encontrei grandes mestras, entre as quais Nalu Faria, que teve uma relevante contribuição nesse meu processo de formação feminista.

A Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT foi a minha escola, proporcionou-me uma rica formação sobre a organização do movimento feminista e o movimento de mulheres no Brasil, e, a partir de então, passei a entender o real significado e o papel importante desempenhado pelo Movimento Feminista e as importantes conquistas obtidas no Brasil. Foi quando me tornei feminista.



## MARIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

Nesse processo, quero ressaltar a importância de Nalu Faria na construção da organização e na formação político-feminista da Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora. Ela teve um papel fundamental na discussão e aprofundamento da luta das mulheres trabalhadoras, na conquista do seu espaço e de reconhecimento das mulheres nos sindicatos e na estrutura da CUT, com a introdução da política de gênero e da perspectiva feminista na CUT e no conjunto do movimento sindical.

A presença de Nalu Faria, com o seu profundo conhecimento do movimento feminista e da luta das mulheres, juntamente com a SOF, organização que integrava, foi muito importante na elaboração do projeto de formação da Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora. Projeto este desenvolvido nos diversos espaços e institutos de formação utilizados pela Comissão, trazendo temas importantes, como a análise da divisão sexual do trabalho, a causa da opressão das mulheres - geradora de discriminações e desigualdades entre mulheres e homens -, a omissão do Estado no fornecimento de equipamentos públicos coletivos que pudessem aliviar o trabalho doméstico, saúde da mulher e direitos sexuais e reprodutivos, aborto legal e seguro - descriminalização do aborto - e toda a reflexão acerca do salário igual para trabalho igual, a regulamentação do trabalho da trabalhadora doméstica, a violência contra as mulheres, dentre outros temas importantes para a formação das mulheres.

E não poderia deixar de citar a importância do estímulo da organização e participação das mulheres trabalhadoras nas grandes organizações e fóruns mundiais e nas redes feministas em defesa dos nossos direitos. Destaco uma dessas redes de que Nalu Faria, junto com a SOF - e a CUT -, foi uma das organizadoras e teve uma participação fundamental em seu êxito, que foi a Marcha Mundial das Mulheres Contra a Pobreza e a Violência Sexista, realizada no ano 2000 como uma grande mobilização que reuniu mulheres do mundo todo em uma campanha contra a pobreza e a violência, derivando na Marcha Mundial das Mulheres como um movimento permanente.

Nalu Faria foi e é uma das grandes referências do Movimento Feminista e da organização das mulheres em todas as instâncias da sociedade. Nalu lutou e defendeu incansavelmente uma sociedade socialista sem divisões de classe, sem exclusões, uma sociedade onde todas e todos tenham lugar e dignidade.



## MARIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

É nossa missão, é nossa tarefa dar continuidade à construção da sociedade feminista, antirracista e socialista tão sonhada por Nalu Faria.

NALU FARIA, PRESENTE! HOJE E SEMPRE!

MARIA CONCEIÇÃO DOS SANTOS foi militante da Oposição Sindical Metalúrgica de Volta Redonda e fez parte da Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT. Integra a Associação de Mulheres Beth Lobo, de Volta Redonda e Região, e a Comissão Especial de Segurança da Mulher do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher do estado do Rio de Janeiro (CEDIM/RJ).



## MARIA MENDES

Quando falo de Nalu fico emocionada. Ela nos ajudou bastante na organização das mulheres, na formação da Comissão Nacional sobre a Questão da Mulher Trabalhadora da CUT. Quero exemplificar com a minha própria experiência a contribuição de Nalu, entre outras companheiras, para trabalhar na nossa formação a importância de cobrarmos e querermos a nossa participação nas direções dos sindicatos e da CUT.

No 2º CONCURTO, em 1986, quando foi fundada a Comissão, nós tínhamos a discussão de todas nós, mulheres cutistas, nos esforçarmos para irmos como delegadas ao congresso. Lembro-me de que fui para a diretoria do Sindicato da Construção Civil e Mobiliário de São Bernardo do Campo e Diadema, pus meu nome mas acabei não indo, pois eles queriam os homens, inclusive pessoas que nem tinham a formação política que eu tinha mas eram homens. Depois fui muito questionada pelas demais companheiras por não ter sido delegada, porém, a questão é que não fui votada, e sim os homens.

Nalu deu uma grande contribuição para nós, mulheres cutistas, na nossa formação de gênero, na nossa formação política com respeito a nós, mulheres, de como nos impormos e nos empoderarmos. Lembro-me que nós, eu mesma, inclusive, tínhamos esse discurso de que “o importante é que estou na luta, não tenho que ficar brigando para estar na diretoria”. Era assim que os homens falavam: “vocês estão na luta, a gente reconhece, não é preciso estar na direção”. E nós, de certa forma, incorporávamos o discurso deles. E Nalu foi uma das companheiras que veio nos assessorar, que trabalhou muito conosco esta questão da formação, da importância da Comissão, da importância de estarmos nas direções porque eram os espaços de poder. Lembro-me que eu, particularmente, não tinha claro isso.

Quando entrei no Sindicato da Construção Civil e Mobiliário éramos só três pessoas com tradição de militância, dois companheiros e eu. Eles, que eram homens, entraram na Executiva como presidente e secretário-geral e eu, mulher, fui para a suplência! Quando fizemos uma carta para o Lula assinar como apoio a uma luta - na época usava-se muito isso - e ela foi levada a ele para que assinasse, ele questionou por que eu não estava na Executiva. E eu mesma achava a coisa mais normal, achava que era indiferente estar ali ou na suplência. Os homens diziam que não estávamos na direção porque não queríamos nos sindicalizar, então fizemos campanha de sindicalização das mulheres.

Nalu estava sempre presente, foi uma companheira que deu uma enorme contribuição ao processo do nosso empoderamento.

MARIA MENDES foi dirigente do Sindicato da Construção Civil e Mobiliário de São Bernardo do Campo e Diadema, coordenadora da Comissão Estadual da Mulher Trabalhadora da CUT estadual de São Paulo e integrante da Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT.



## ROSANE SILVA

Minha militância começa pela Igreja Católica, porém, eu começo a conhecer o feminismo no início dos anos 90, quando ingresso no movimento sindical e me interesso pelos temas das mulheres. Lembro-me de que a gente ia uma vez por semana de Ivoti para Porto Alegre, para as rodas de formação na organização Lua Nova, onde sempre os textos escritos por Nalu Faria me encantavam. Eu me identificava muito com o feminismo que ela construía, com olhar de classe e a partir da luta das operárias.

Nesse período, uma das grandes lutas das trabalhadoras era a luta por creche pública como uma luta fundamental para debater a divisão sexual do trabalho, que é uma das bases de opressão das mulheres.

No final dos anos 90, quando se acirrava a disputa com o projeto neoliberal implementado pelo governo Fernando Henrique Cardoso e os movimentos sociais se organizaram para combater a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), me identifiquei mais ainda com as posições internacionalistas e anticapitalistas defendidas por Nalu.

Quando, no ano 2000, chego à Executiva Nacional da CUT, venho morar em São Paulo e começo a atuar nos espaços nacionais da Democracia Socialista, para mim foi um sonho realizado, pois estava dividindo o mesmo espaço com a feminista que eu conhecia a partir de seus textos. Foi a partir deste lugar de militância que consegui conviver mais diretamente com Nalu e construir junto com ela o feminismo com o qual sempre me identifiquei.

Em vários momentos da minha militância sindical em que eu precisava de um horizonte político, eu sempre recorria à Nalu. Ela, sempre com sua simplicidade, afeto e liderança política, nos acolhia em sua casa para um almoço, um jantar ou até mesmo só tomar um vinho e conversar. Ela cozinhava como ninguém, o melhor ceviche do mundo era feito por Nalu!

As reuniões da militância acabavam com a gente indo para um bar, e eu sempre ouvia de Nalu: “vamos porque a vida precisa ser saboreada, pois quando a gente morrer, teremos muito tempo para dormir”.

Na relação com os movimentos sociais, representei a CUT em vários momentos e para mim era encantador chegar naquelas reuniões cheias de homens machistas, arrogantes, e ver Nalu Faria, com sua lucidez política, defender com firmeza as posições do feminismo, sendo ouvida e respeitada por aqueles homens. Era para mim uma aula que nenhuma universidade terá a capacidade de me ofertar.



**ROSANE SILVA**

Quando fui convidada para assumir a Secretaria Nacional da Mulher Trabalhadora da CUT, fiz questão de ouvir duas pessoas para definir se aceitava a função, e uma delas foi Nalu, que não somente me encorajou a assumir a tarefa como me disse “vá e saiba que estaremos sempre aqui para te ouvir e contribuir com as mulheres da CUT, pois somos parte da luta das mulheres da CUT”.

O marco de minha convivência com Nalu, de que sempre me lembrarei, foi a 3ª Ação da Marcha Mundial das Mulheres que realizamos no Brasil, em 2010, na qual andamos 10 dias de Campinas a São Paulo. Naquela ação vivemos momentos de muita intensidade. Com muita formação e sabedoria política, Nalu soube conduzir brilhantemente todo esse processo. Conviver com ela durante todos esses dias foi um aprendizado incrível. Ela, com sua paciência, lucidez, simplicidade, compreensão política e respeito com todas as gerações, foi liderando a ação sem precisar impor sua autoridade política.

Foi também nesse período que abrimos o debate, na CUT, sobre a paridade nos espaços de direção, e Nalu sempre esteve ao nosso lado construindo a estratégia para que, em 2015, a CUT aprovasse a paridade de gênero nas instâncias da Central.

Encerro este pequeno depoimento sobre Nalu afirmando que ela não era somente nossa referência como feminista, mas também uma referência como ser humano, uma mulher simples, amorosa e muito respeitosa com cada uma de nós.

Conviver com Nalu esses anos todos foi uma das melhores oportunidades que a militância me proporcionou. Sei que sou uma privilegiada por ter tido esse presente.

Seguiremos em Marcha até que todas sejamos livres!

O feminismo que construímos é internacionalista e revolucionário!

Nalu estará sempre presente nas nossas lutas por uma sociedade socialista e feminista.

ROSANE SILVA foi presidenta do Sindicato dos Sapateiros de Ivoti-RS (1988-2000) e em agosto de 2000 foi eleita a mulher mais jovem para a Executiva Nacional da CUT. Foi secretária nacional da Mulher Trabalhadora da CUT (2008-2015) e coordenou a campanha pela paridade nas instâncias de direção da CUT. Atualmente está secretária de Autonomia Econômica e Política de Cuidados do Ministério das Mulheres. É feminista, militante da Marcha Mundial das Mulheres e filiada ao Partido dos Trabalhadores.



**SANDRA CABRAL**

À NALU

Quando parte uma pessoa tão jovem e próxima, me vêm à memória trechos da música dos Titãs:

*Epitáfio*

*“Devia ter amado mais  
Ter chorado mais  
Ter visto o sol nascer  
Devia ter arriscado mais  
E até errado mais  
Ter feito o que eu queria fazer  
Queria ter aceitado  
As pessoas como elas são  
Cada um sabe a alegria  
E a dor que traz no coração”*

É, querida Nalu, eu queria ter dito a você o quanto você foi importante na formação feminista de minha geração, que você nos ajudou muito - tanto no PT quanto na CUT - a compreender melhor que não há democracia e socialismo sem o feminismo, nos ajudou a perder o medo de nos assumirmos feministas, nos ajudou a construir o nosso empoderamento, a lutar por espaços nas nossas entidades, em casa e na sociedade e a nos tornar fortes.

Não me lembro de ter dito como você foi importante na nossa luta por cotas, na década de 90, quando pleiteávamos pelo menos 30% dos cargos nas instâncias de decisão do PT e da CUT e, ao logarmos êxito, como nos sentimos fortes, competentes e muito mais dispostas a travarmos, cotidianamente, o bom combate.

Devia ter feito o que eu queria fazer. Devia ter dito e manifestado gratidão pela sua paciência, dedicação e disposição de dividir conosco seus conhecimentos.



**SANDRA CABRAL**

O meu consolo é pensar que você se encontrou com Ednalva, Luci, Marlene e várias outras companheiras e que - provavelmente em intermináveis reuniões, como as que fazíamos - conversam, debatem e dizem, umas às outras, tudo o que sentíamos e não falamos aqui.

Como tentamos seguir a vida na luta para aprender sempre a aceitar as pessoas como elas são, tão falíveis e incompletas, sofro menos pensando na complacência dessas pessoas em relação à minha incompletude, aos meus ditos e aos não ditos.

Gratidão por tudo, companheira Nalu! Gratidão por dedicar a sua vida à luta pela organização e libertação das mulheres!

Onde quer que esteja, continue nos dando forças para continuarmos na luta.  
Descanse em paz, querida!!!!

SANDRA CABRAL foi presidenta do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (Sintego), presidenta da CUT Estadual de Goiás e coordenadora da Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT. Foi secretária nacional de Políticas Sociais e secretária nacional de Comunicação da CUT. Foi assessora do ministro José Dirceu, da Casa Civil, no primeiro governo Lula, e chefe de gabinete dos ministros da Igualdade Racial Edson Santos e Eloi Ferreira.



## SÔNIA LACERDA

Nalu foi uma das companheiras que mostrou para as mulheres sindicalistas as consequências das relações de gênero, ficando muito clara a nossa subordinação na sociedade. Ela incentivou para nós a necessidade de organização enquanto grupos de mulheres, associações, sindicatos e outras formas de nos juntarmos coletivamente. Para o movimento sindical ficaram claras as desigualdades na questão salarial. Naquela época foi quando os companheiros foram começando, com muita dificuldade ainda, a absorver o que estávamos falando. E as coisas foram melhorando. Até que chegamos à paridade. Foi um trabalho muito lindo!

Muito do que avançamos hoje no mundo do trabalho teve uma oficina, um texto e outros estímulos provocados por Nalu.

SÔNIA LACERDA foi sindicalista da categoria previdenciária, integrante da Comissão Estadual da Mulher Trabalhadora da CUT estadual do Rio de Janeiro e da Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora da CUT. É feminista.



**NALU, SEMPRE PRESENTE!**

*Diagramação*  
Julia Gavioli

*Foto de Nalu Faria*  
Acervo SOF

*Fotos das autoras*  
Arquivos pessoais

Julho de 2024

